

Editado e com Introdução de  
**Béata Cieszyńska**  
**José Eduardo Franco**

# HOLODOMOR

A DESCONHECIDA TRAGÉDIA UCRANIANA (1932-1933)

Com a colaboração especial de  
**Ana Carina Prokopyshyn e Luís de Matos Ribeiro**

Prefácio de  
**Guilherme d'Oliveira Martins**

## **FICHA TÉCNICA**

**Título:**

Holodomor. A Desconhecida Tragédia Ucrainiana (1932-1933)

**Coordenação:**

Béata Cieszyńska

José Eduardo Franco

**Série:**

Biblioteca Ibero-Eslava

**Linha:**

Ciência para a Sociedade

**Revisão:**

Ana Prokopyshyn, Luís de Matos Ribeiro, Mariana Gomes da Costa e Joana Marcos

**Coordenação editorial:**

Rui Grácio

**Design gráfico:**

Grácio Editor

1ª Edição: Junho de 2013

ISBN: 978-989-8377-39-5

Depósito legal:

© CompaRes e Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

# Índice

<i>Agradecimentos</i> .....	7
<i>Índice de Ilustrações</i> .....	8

## PREFÁCIO

<i>Memória e Dignidade</i> .....	11
Guilherme d'Oliveira Martins	

## ABERTURA

<i>Introdução: HOLODOMOR – A Desconhecida Tragédia Ucrâniana</i> .....	17
José Eduardo Franco e Béata Cieszyńska	

<i>Resolução n.º 1723 da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa</i> .....	27
---	----

## I PARTE

### APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS

<i>A trajectória económica da U.R.S.S. e a Grande Fome na Ucrânia</i> .....	33
António Ramos dos Santos	

<i>A Grande Fome na Ucrânia (1932-1933)</i> .....	41
Carlos Gaspar	

<i>Espectros da História – Os outros 6 milhões</i> <i>Holodomor – O holocausto ucraniano</i> .....	47
José Luís Andrade	

<i>Holodomor: O Império da Fome</i> .....	51
Luís de Matos Ribeiro	

<i>Holodomor, Relações Internacionais e Interesse Nacional</i> .....	109
Rui Miguel Ribeiro	

<i>Holodomor – A Morte Sem Voz</i> .....	115
Henrique Vaz Duarte	

<i>Holodomor – História e Justiça</i> .....	121
António Rosa Mendes	

## II PARTE

### APRECIACÕES JURÍDICAS

<i>O Holodomor como Genocídio. Uma Avaliação Jurídica</i> .....	125
Volodymyr Vassylenko	

### III PARTE IMPRESSÕES DA IMPRENSA

<b>i. Meios de Comunicação Portugueses</b>	
<i>A grande fome</i> .....	163
Luciano Amaral	
<i>Holodomor</i> .....	165
Nuno Rogeiro	
<b>ii. Comunidade Ucraniana em Portugal</b>	
<i>Os ucranianos pedem o reconhecimento da “Grande Fome” (Golodomor)</i> ..	167
Mariya Dets	
<i>A Comunidade Ucraniana em Portugal e o Holodomor. Um Dever de Memória</i> ...	171
Pavlo Sadokha	
<i>O Golodomor no contexto da Quinzena Histórica e Cultural da Ucrânia na Universidade de Lisboa em 2009</i> .....	178
Rostyslav Tronenko	

### IV PARTE VISÕES ARTÍSTICAS

<i>“O cativo constrói” – A ideia de redenção na literatura do Gulag</i> .....	183
Rui Bebiano	
<i>Holodomor – Paisagem desertificada – Exposição «Et in Arcadia Ego»</i> ...	191
Manuel Valente Alves	
<i>Holodomor - Famine with Children</i> .....	197
Tiago Pimentel	
<i>Holodomor</i> .....	198
Henrique Vaz Duarte	
<i>Ilustração do texto de Nuno Rogeiro</i> .....	199
Francisco Providência	

### V PARTE DECLARAÇÕES

<i>Introdução e Apresentação</i> .....	203
Luís de Matos Ribeiro e Ana Prokopyshyn	
<i>Listagem de Documentos</i> .....	206
1. Organizações Internacionais .....	206
2. Parlamentos Nacionais .....	206
3. Dirigentes Políticos e Religiosos .....	207
4. Assembleias Regionais, Estaduais e Municipais .....	207
5. Comunidade Académica .....	207
6. Cerimónias que assinalam o Aniversário do Holodomor .....	207

## AGRADECIMENTOS

Os coordenadores do presente livro gostariam de expressar a sua gratidão às várias pessoas e instituições que apoiaram esta iniciativa de aproximar o leitor português à desconhecida problemática em torno do *Holodomor* e das suas linhas de leitura.

Entre as instituições destacamos o apoio à edição oferecido pelo Congresso Mundial dos Ucrânios.

Gostaríamos igualmente de mencionar aqui a reconhecida colaboração e divulgação do tópico por parte da Embaixada da Ucrânia em Portugal e da Associação dos Ucrânios em Portugal «Spilka».

Destinamos também uma palavra de especial agradecimento à Reitoria da Universidade de Lisboa, sobretudo por aceitar ser palco da Exposição Mundial sobre o *Holodomor* e acolher a realização do Colóquio dedicado ao *Holodomor* no quadro da *Quinzena Histórica e Cultural da Ucrânia* na UL em 2009.

Agradecemos a José Miguel Reis Pereira, dono do quadro que figura na capa, da autoria de Henrique Vaz Duarte, por nos ter amavelmente disponibilizado as fotografias desta peça de arte.

Por fim ficamos gratos aos nossos colaboradores Ana Carina Prokopyshyn e Luís de Matos Ribeiro, que se empenharam em contribuir na pesquisa, recolha e melhoramento dos vários materiais do livro.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### Ilustração 1

Manuel Valente Alves, *Et in Arcadia Ego*. .....196

### Ilustração 2

Manuel Valente Alves, “1932-1933:  
Genocídio pela fome na Ucrânia” .....196

### Ilustração 3

Tiago Pimentel: *Holodomor (Famine with Children)*.....197

### Ilustração 4

Henrique Vaz Duarte: *Holodomor* .....198

### Ilustração 5

Francisco Providência:  
Ilustração do texto de Nuno Rogeiro (incluído na III PARTE).....199

## PREFÁCIO





# MEMÓRIA E DIGNIDADE

Guilherme d'Oliveira Martins

A memória histórica obriga à análise crítica dos acontecimentos sem os iludir e ao reconhecimento das suas consequências ao longo do tempo. *Holodomor – A Desconhecida Tragédia Ucrâniana (1932-1933)* é um conjunto de testemunhos de diversas ordens (históricas, jurídicas, de imprensa e artísticas) sobre um momento que merece ser recordado na Europa contemporânea – em nome de um novo espírito, segundo o qual, muito mais do que qualquer ressentimento, o que importa é tirar lições em nome de uma “cultura de paz”, de reconhecimento, de respeito e de cooperação. Há, assim, que partir da aceitação da gravidade dos acontecimentos e das situações por eles geradas para chegar a uma atitude nova que vise a consagração do espírito do Conselho da Europa. Com efeito, como espaço de encontro dos direitos fundamentais e da dignidade da pessoa humana, o continente europeu é hoje chamado a construir um domínio de diálogo, de entendimento, de paz, de desenvolvimento e de diversidade cultural. Eis por que razão uma obra como esta deve contribuir não só para a tomada de consciência de que a memória, quando encarada de modo positivo e saudável, não deve gerar qualquer reacção de exacerbamento e de desforço, mas também para garantir a obrigação de diálogo considerada prioritária pela comunidade internacional.

Desenvolver o direito e a política dos direitos humanos no plano europeu é essencial, a fim de assegurar a total e eficaz protecção da dignidade humana e a prevenção das violações nas nossas sociedades em constante evolução. É o Conselho da Europa que alerta neste sentido, como instituição pioneira neste domínio – no qual foi possível avançar positivamente como em nenhum outro espaço geográfico do mundo, em especial com a Convenção Europeia dos Direitos Humanos. Quando lemos os testemunhos, os relatos e as considerações que constituem esta obra, compreendemos que o conhecimento dos terríveis acontecimentos que aqui constituem o pano de fundo nos permite considerar que a paz e a democracia só poderão ser construídas seriamente no continente europeu se o primado da lei, a legitimidade democrática e os valores da justiça e do respeito mútuo se tornarem realidades assumidas por todos os cidadãos europeus como património cívico comum. Toda a história da humanidade tem claros e escuros, que não

devem ser iludidos ou subalternizados. No caso em apreço nesta obra, temos de compreender que, com o fim da guerra fria, com a abertura dos horizontes europeus de respeito mútuo e com o alargamento do Conselho da Europa passou a haver responsabilidades em que todos estão investidos. É tempo, pois, de deixar claro que uma cidadania democrática moderna e legítima precisa da memória considerada numa dupla acepção: (a) como capacidade de recordar criticamente os momentos mais dramáticos de desrespeito dos direitos fundamentais e das autonomias; e (b) como capacidade de fazer do respeito mútuo uma regra que evite o regresso à violência, à cegueira e à desconsideração das diferenças. A memória crítica obriga sempre a lembrar o que se passou e a saber esquecer, sem que o esquecimento se torne amnésia. A sociedade sem memória suicida-se, do mesmo modo que se houver excessos de memória a sociedade se torna inimiga do equilíbrio, da paz e do reconhecimento mútuo. A ausência de memória torna-se indiferença e incapacidade crítica, enquanto a memória equilibrada – que não esquece, mas sabe lembrar as raízes de conhecimento e da compreensão – pode gerar uma cultura de paz duradoura, como foi defendida e proposta pela UNESCO, em especial durante a direcção geral de Federico Mayor.

A Ucrânia tem raízes históricas muito antigas que merecem ser lembradas e respeitadas numa lógica aberta, de cooperação e de paz. Daí que a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa tenha homenageado “a memória” de todos aqueles que pereceram “numa catástrofe humana sem precedentes”, congratulando-se “com os esforços destinados a revelar a verdade histórica e a aumentar o conhecimento público sobre este acontecimento trágico do passado. Esses esforços devem procurar unir os povos e não dividi-los”. Esta é a mensagem fundamental que tem de ser deixada aos cidadãos europeus, uma vez que a coesão, a complementaridade, bem como o respeito mútuo, devem ser postos em prática na acção política nos dias de hoje.

Num tempo em que a noção de património comum europeu, assente na diversidade, ganha cada vez mais sentido, não em abstracto, mas em concreto, devemos fazer da solidariedade entre povos e da compreensão mútua um modo de lançar pontes sólidas de diálogo, de compreensão e de entreaajuda. Leiam-se, pois, serenamente, os textos aqui apresentados. Com eles podemos saber como chegámos aos dias de hoje. Se, como lembra o Dr. Carlos Gaspar, “a grande fome” de 1932-33 foi, sobretudo, a forma de impor o regime comunista à “nação camponesa” com a destruição das estruturas sociais tradicionais dos campos, a liquidação física de milhões de agricultores, e uma aceleração brutal dos processos de urbanização – “trinta milhões de camponeses partiram para as cidades nos anos trinta”,

o certo é que, “em 1921, a conquista da Rússia pelos bolcheviques não tinha passado para fora das portas das cidades”, verificando que apenas em 1933, “com a colectivização rural, o resto do país foi ocupado”. Deste modo, é correcto o que Hegel nos disse: “a única coisa que não aprendemos são as lições da História”. A memória procura, pois, quando é considerada com equilíbrio, assegurar que a “cultura de paz” se torne mais sólida e efectiva, transformando o conhecimento em compreensão e a violência em capacidade de troca de experiências e de busca de entendimentos duráveis. As análises constantes na presente obra são suficientemente ilustrativas, não carecem de muitos comentários explicativos, falam por si. E se damos especial ênfase às acções e posições do Conselho da Europa é porque consideramos essencial construir pontes para o futuro, capazes de aprofundar os elos positivos entre os povos e os cidadãos europeus, todos eles vítimas, todos eles agentes de múltiplos conflitos e incompreensões. Em suma, uma cultura de paz tem de se basear na verdade histórica e na exigência de procurar destruir as barreiras da violência e da incompreensão.